

in Isabel Cristina F. Fernandes e Michelle Teixeira Santos (Coord.),
Palmela Arqueológica no Contexto da Região Interestuarina Sado-Tejo,
Município de Palmela, Palmela, 2012.

O povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). Resultados dos trabalhos realizados entre 2004 e 2008

João Luís Cardoso *

1. Antecedentes

O povoado calcolítico do Outeiro Redondo foi identificado pelo Arq. Gustavo Marques a 24 de Junho de 1966, tendo sido objecto de comunicação que, logo a 30 desse mês, o mesmo apresentou à Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, sob a designação de "Outeiro Pequeno" (cf. Acta n.º 82 da Secção de Arqueologia). Esta comunicação teve seguimento nas sessões realizadas nos dias 24 de Novembro e 15 de Dezembro de 1966, sob o título "Prospecção superficial no castro de Sesimbra", tendo então apresentado e comentado "os mais típicos materiais recolhidos durante a prospecção e duma pequena sondagem estratigráfica", para cuja realização

declara ter obtido autorização a 2 de Outubro de 1966 (cf. Acta n.º 86 da Secção de Arqueologia da SGL e CMS, s/d)¹. A publicação destes primeiros espólios arqueológicos, que incluíram as recolhas de diversas saídas de campo realizadas na companhia de Eduardo da Cunha Serrão e de Luiz Saldanha, em Agosto e Setembro de 1966, foi concretizada logo no ano seguinte, tendo então sido registado que, «*espalhados pela superfície do terreno, em rápido declive para sul, observam-se alguns blocos de calcário, por vezes reunidos, formando recintos de ténue configuração*»².

Com efeito, a interpretação de tais alinhamentos como estruturas defensivas, integrando, aparentemente, duas linhas muralhadas, a mais interna munida de *torreões*, envolvente da acrópole rochosa que coroa a elevação, encontra-se expressivamente apresentada em esboço contido no caderno de campo de O. da Veiga Ferreira relativo ao ano de 1966, executado em data imediata-

* Universidade Aberta (Lisboa) e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). arqueolo@univ-ab.pt





Fig. 1 – Outeiro Redondo. O Bastião C, identificado no terreno pela disposição dos grandes blocos que o integram, antes da escavação (ver Fig. 4). Foto J. L. Cardoso.



Fig. 2 – Outeiro Redondo. O Bastião C, depois de escavado (ver Fig. 4). Foto J. L. Cardoso.



mente ulterior à primeira apresentação de Gustavo Marques, esboço entretanto publicado por um dos signatários deste trabalho³.

De facto, antes de iniciadas as escavações arqueológicas em extensão, em Maio de 2005, foi confirmado que algumas das estruturas afloravam no terreno, evidenciando-se alinhamentos de grandes blocos (Fig. 1) integrando uma estrutura arqueada que viria depois a confirmar-se como sendo um grande bastião (Fig. 2), o qual já tinha sido delineado por O. da Veiga Ferreira. Tal evidência, a que se somava o facto de a observação da colecção, reunida por Gustavo Marques, ter indicado a existência de uma presença de assinalável diacronia, incluindo o Calcolítico Inicial e o Calcolítico Pleno, que viria a ser plenamente demonstrada pelo respectivo estudo e publicação dos espólios por ele recolhidos⁴, constituía motivo acrescido para a organização de um programa plurianual de escavações.

Tal programa veio a ser realizado entre Outubro de 2004 e Novembro de 2008, ao abrigo de um Projecto quadrienal (2004-2007) aprovado e financiado pelo extinto Instituto Português de Arqueologia, no quadro do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, tendo a última campanha (2008) sido financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian. Assim, numa primeira etapa do projecto, entre Outubro de 2004 e Janeiro de 2005, decorreu, no Museu Nacional de Arqueologia, o estudo sistemático dos espólios arqueológicos ali depositados e resultantes dos trabalhos de prospecção e sondagens realizadas por Gustavo Marques no Outeiro Redondo. Confrontando, porém, os desenhos então realizados de todos esses materiais, com as fotos dos espólios reproduzidos pelo autor no seu trabalho de 1967, verifica-se que este último conjunto não se encontra conservado no Museu Nacional de Arqueologia, pelo que não foi possível incluí-lo no presente estudo. É provável que parte dessas primeiras recolhas

estejam depositadas no Museu Municipal de Sesimbra, dada a semelhança existente entre alguns dos exemplares reproduzidos no estudo de G. Marques e os apresentados em opúsculo editado pela autarquia, mas cuja má qualidade das reproduções impede maiores certezas. Acresce que a completa valorização dos materiais ora publicados se encontra prejudicada pela falta dos correspondentes registos de campo, que não foram localizados entre a documentação remetida pelos herdeiros de Gustavo Marques ao referido Museu. Por outro lado, não se conservam nos arquivos do IGESPAR quaisquer relatórios das intervenções efectuadas, mesmo da que foi aparentemente autorizada, a 2 de Outubro de 1966.

As indicações apostas nas peças conservadas no Museu Nacional de Arqueologia permitem concluir apenas que Gustavo Marques procedeu, como era seu hábito, a sondagens limitadas no Outeiro Redondo, ao longo de vários anos, além das realizadas logo após a descoberta da estação. Os materiais dessas sondagens, minuciosamente marcados por si, como também era seu hábito, correspondem aos anos de 1966 e 1967; Outubro de 1973; Setembro de 1974 e Agosto e Setembro de 1976, conforme as indicações neles apostas. Com efeito, no terreno são ainda visíveis testemunhos de algumas das sondagens então efectuadas, com cerca de 2 m por 2 m, localizadas em dois pontos distintos da elevação: em local situado próximo do topo da encosta voltada a Sul, imediatamente acima da área intervencionada entre 2005 e 2008 e no sector da mesma elevação voltado a nascente, em local adjacente da plataforma ali existente e que corresponderá ao núcleo habitacional principal da aglomeração pré-histórica.

O estudo tipológico do espólio permitiu confirmar a presença de duas ocupações sucessivas, atribuíveis ao Calcolítico Inicial e ao Calcolítico Pleno⁵.



Estão presentes os principais grupos tipológicos de espólios que usualmente integram os contextos calcolíticos de carácter habitacional, com uma ausência notável, a dos cinchos, ou artefactos de barro de paredes perfuradas e desprovidos de fundo que, por tais características, têm sido atribuídos à produção de queijo. Esta ausência, encontra-se sublinhada pelos espólios recuperados no decurso das escavações efectuadas sob direcção do signatário na estação, entre 2005 e 2008, que proporcionaram apenas dois fragmentos desse tipo artefactual. Tal situação parece mostrar que a produção de transformados do leite não era uma realidade importante na economia da época, contrastando com a realidade observada noutros sítios coevos, como Leceia. Em contrapartida, são relativamente abundantes os elementos de tear, mostrando que outra das actividades características da *Revolução dos Produtos Secundários*, a tecelagem, relacionada com a diversificação e intensificação das produções, teria maior importância face à situação identificada em povoados de muito maiores dimensões, como é o caso de Leceia (Oeiras)⁶.

Estas observações, baseadas em dados empíricos objectivos, afiguram-se importantes por virem comprovar que a realidade económica e social presente nos povoados calcolíticos da Estremadura conheceu cambiantes e particularidades específicas, próprias a cada sítio.

A franca abertura económica ao exterior dos habitantes do Outeiro Redondo encontra-se denunciada pela diversidade das matérias-primas identificadas e das respectivas fontes de abastecimento, aspecto plenamente confirmado pelos milhares de artefactos líticos recolhidos nas escavações. Assim, o sílex, de coloração cinzento-esbranquiçada, acastanhada ou, mais raramente, rosada, tem a sua origem mais próxima nos calcários recifais do Cenomaniano superior da região

de Lisboa que se avista ao longe e, eventualmente, mas com menos importância, na região de Rio Maior, de onde proviriam as variedades mais avermelhadas.

A indústria lítica de pedra polida configura o aprovisionamento sistemático de rochas anfíbolíticas, cujos afloramentos mais próximos se encontram na bordadura ocidental do Maciço Antigo. Dali proviria também o cobre, importado sob a forma de pequenos lingotes, de que um exemplar é expressivo exemplo.

A actividade económica desta pequena mas pujante comunidade configura pois a sua integração numa rede de permutas transregionais, na qual estava perfeitamente integrada.

Importa, pois, procurar evidências que permitam explicar a realidade observada, especialmente a identificação de mais-valias decorrentes de produtos que suportassem a presença de matérias-primas que teriam de ser adquiridas por permuta. Para além da agricultura, que se realizaria com sucesso nos férteis campos adjacentes, ocorre considerar também a possibilidade da produção de sal e de pescado seco, dada a estreita relação com o litoral adjacente, de fácil acesso e exploração. Com efeito, a extraordinária quantidade de restos malacológicos mostra que uma parte significativa da alimentação era constituída por moluscos, recolhidos no litoral adjacente, com destaque para as lapas, sendo complementada pela pesca, conforme mostram, além de restos ictiológicos recolhidos nas escavações, os anzóis de cobre exumados.

Em conclusão, o espólio recolhido por Gustavo Marques sublinha a assinalável importância económica que deteve, à escala da zona sul-ocidental da Península da Arrábida, o povoado do Outeiro Redondo, ainda que geograficamente afastado do eixo principal do fluxo de circulação trans-regional entre o Alentejo e a Baixa Estremadura, através da transposição do estuário do



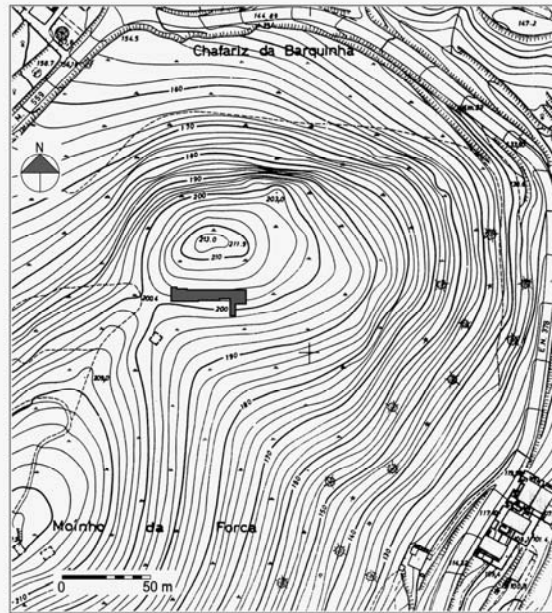


Fig. 3 – Outeiro Redondo. O povoado, no topo do morro calcário isolado na paisagem, visto do mar, e implantação, na planta topográfica, da área escavada entre 2005 e 2008. Foto J. L. Cardoso.



Tejo defronte a Lisboa, local obrigatório de passagem a quem vinha da margem sul, como se continuou a verificar ulteriormente, até à actualidade. Tal importância decorreria das mais-valias das respectivas produções, as quais, depois da agricultura, se fundariam na exploração dos recursos marinhos com destaque para a possível produção de sal.

2. Localização

A estreita ligação do povoado pré-histórico com o mar evidencia-se pela sua localização. Ocupando elevação isolada (Fig. 3), constituindo, com o morro do castelo de Sesimbra e o morro do Moinho da Forca, uma linha de relevos de calcários duros do Jurássico Superior ("Calcários de Azóia") com orientação Nordeste-Sudoeste, dali domina-se toda a baía de Sesimbra, constituindo assim um excelente local para o controle visual do litoral adjacente, no único trecho favorável ao desembarque e acostagem, já que, tanto para Este como para Oeste da baía, a costa é rochosa e escarpada. Aliás, o estreito relacionamento estabelecido pelos habitantes do povoado com o litoral, encontra-se sublinhado pela visibilidade da elevação, para quem vem do mar (Fig. 3), e encontra-se evidenciado pelos já mencionados restos alimentares de origem marinha exumados no decurso das escavações.

Aquando do contacto com os proprietários, para obtenção da respectiva autorização, o morro onde se implanta o povoado pré-histórico foi designado por "Outeiro Redondo", razão por que foi este o topónimo adoptado no presente estudo e em outros que se vierem a publicar, cujas coordenadas são as seguintes: 38° 27' 16" lat. N; 9° 06' 02" long. W de Greenwich (Fig. 3).

3. Trabalhos realizados, resultados obtidos e sua discussão

Confirmada a importância arqueológica do local e a existência de assinalável diacronia da sua ocupação, atestada pela análise tipológica dos espólios recolhidos por Gustavo Marques, importava dar início às investigações de terreno, as quais se desenvolveram em continuidade entre 2005 e 2008, em diversas épocas do ano. São os resultados desses trabalhos que a seguir sumariamente se apresentam (Fig. 4).

3.1. Aspectos metodológicos

As escavações demonstraram a existência de um dispositivo fortificado, ainda que de pequenas dimensões, constituído pelo menos por duas linhas muralhadas, reforçado externamente por bastiões semi-circulares, envolventes da parte mais alta da elevação, ocupada actualmente por escarpado rochoso. É, no entanto, possível que, na época, esta verdadeira acrópole estivesse ocupada por estruturas de carácter habitacional, tendo os sedimentos ali formados sido ulteriormente erodidos, depositando-se em sectores adjacentes, de pendor mais suave, de mistura com muitos espólios arqueológicos dali em parte provenientes e onde foram recuperados no decurso das escavações. A deposição de tais sedimentos, do lado sul, criou uma nova superfície topográfica, assente directamente no substrato rochoso, possibilitando a fundação do dispositivo defensivo, servindo este, ao mesmo tempo, para preservar a conservação desta camada, tal como ela hoje se encontra.



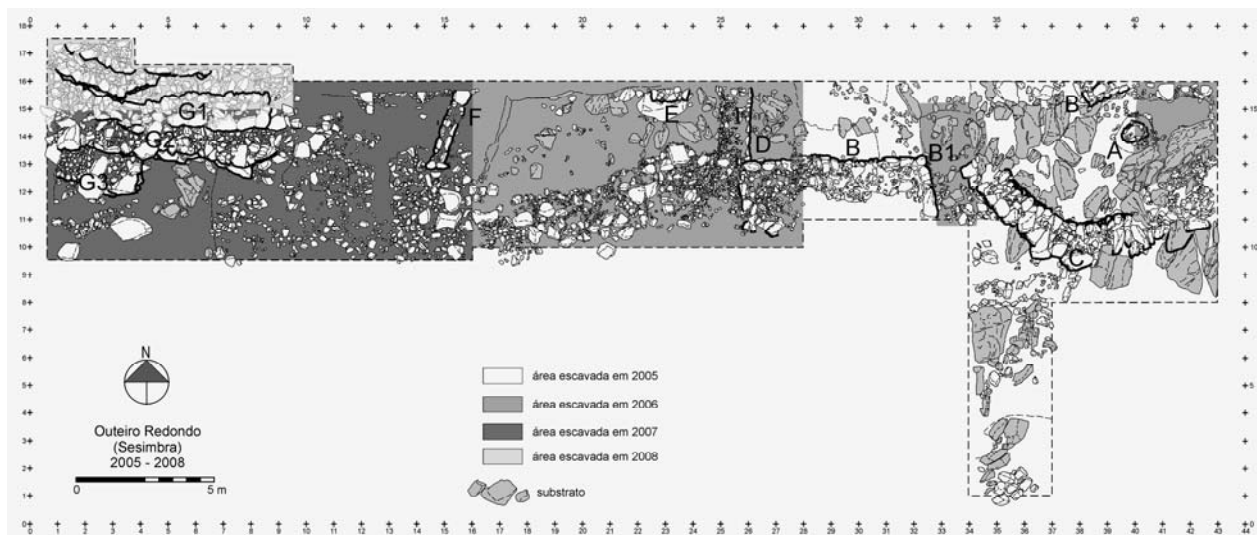


Fig. 4 – Outeiro Redondo. Planta da área escavada, com a indicação das estruturas arqueológicas e os anos em que as mesmas foram postas a descoberto. Planta de B. Ferreira, sob orientação de J. L. Cardoso.

Apesar de ser diminuta a área defendida, foi possível definir sequência estratigráfica de expressão cronológico-cultural, em estreita relação com a construção de um dispositivo defensivo complexo, do qual apenas uma pequena parte foi até agora explorada.

Por outro lado, a correlação entre a sequência estratigráfica e o seu conteúdo arqueográfico, permitiu atribuir ao Calcolítico Inicial da Estremadura, representado pelas produções cerâmicas com padrões canelados (“copos” e taças), a fase mais antiga da ocupação, atingindo a fase mais recente desta o Calcolítico Pleno, caracterizado pela presença das características cerâmicas com padrões decorativos em “folha de acácia” e em “crucifera”. Importa, no entanto, ter presente o que se disse já em outro trabalho, dedicado à interpretação da distribuição de tais produções cerâmicas no povoado calcolítico fortificado de Leceia, Oeiras⁷. Com efeito, naquele sítio, onde se reconheceu a sequência mais clara do Calcolítico da Estremadura portuguesa, verificou-se que as produções caneladas

(copos e taças), típicas da Camada 3 (Calcolítico Inicial) ocorriam tanto na Camada 4 (Neolítico Final), como na Camada 2 (Calcolítico Pleno), sendo esta caracterizada pelas produções “folha de acácia” e motivos associados, os quais, por seu turno, também ocorrem na camada subjacente. Para a explicação desta realidade, poderiam ter concorrido, independentemente, diversos factores, expostos naquele trabalho. Mais recentemente, com base na representação integral dos fragmentos decorados recolhidos em Leceia⁸, foi possível apresentar uma síntese quantificada da realidade acima descrita⁹. Centrando as observações nos três grupos de produções presentes no Outeiro Redondo – copos canelados, taças caneladas e decoração em “folha de acácia” – verificou-se que aqueles apresentavam a seguinte distribuição no povoado pré-histórico de Leceia:

- as produções com padrão em “folha de acácia” são desconhecidas na Cam. 4, atribuída ao Neolítico Final da Estremadura, e atingem uma expressão entre cerca



de 10 ex. na Cam. 3, atribuída ao Calcolítico Inicial da Estremadura, aumentando para cerca de 140 ex. na Cam. 2, correspondente ao Calcolítico Pleno da Estremadura;

- as taças caneladas, quase desconhecidas na Cam. 4, atingem cerca de 75 exemplares na Cam. 3 e decaem para cerca de 30 ex. na Cam. 2;

- os copos canelados, igualmente residuais na Cam. 4 (menos de 5 ex.), atingem um máximo de cerca de 170 ex. na Cam. 3, decaindo para cerca de 70 ex. na Cam. 2;

Posta a questão nestes termos, várias explicações podem ser avançadas para a distribuição estratigráfica observada em Leceia, com incidência directa na realidade identificada no Outeiro Redondo:

1 – o assinalável contraste verificado entre o número de copos e de taças caneladas registado na Cam. 4 e na Cam. 3 é consistente com a conclusão de os escassos exemplares da Cam. 4 serem resultantes de intrusões verticais: deste modo, a produção de recipientes com decoração canelada seria um dado novo no Calcolítico Inicial da Estremadura, conclusão que reúne consenso por parte dos investigadores que ultimamente mais se têm debruçado sobre tal questão;

2 – tanto os copos como as taças caneladas subsistem, em proporções idênticas, na Cam. 2, sendo cerca de 2,4 a 2,5 vezes menos frequentes nesta camada face às quantidades registadas na Cam. 3. Tal significa que poderia ter-se verificado uma efectiva sobrevivência da cerâmica canelada no Calcolítico Pleno, tanto mais que a distribuição da “folha de acácia” é claramente distinta, sugerindo um corte mais evidente, com aumento de cerca de 14 vezes da Cam. 3 para a Cam. 2. Tal significa que tais produções seriam de facto desconhecidas no Calcolítico Inicial, explicando-se a presença escassa de alguns exemplares em contextos dessa época por contaminação vertical devido a fenómenos

sin ou pós-deposicionais, entre os quais a erosão e transporte de materiais pela acção humana ou por processos naturais, no interior da área arqueológica, a que acresce ainda a acção de animais ou de raízes, além das misturas de materiais associadas ao próprio processo de escavação, inevitáveis no quadro da exploração de vasta área aberta, conforme já anteriormente fora sublinhado¹⁰.

Em resumo, os resultados obtidos em Leceia autorizam a considerar como típicos do Calcolítico Inicial e do Calcolítico Pleno os dois “fósseis directores” que tradicionalmente têm sido até ao presente valorizados, desde a escavação do povoado da Rotura, Setúbal¹¹, ainda que as produções de recipientes canelados tenham provavelmente prosseguido, em quantidades idênticas, no Calcolítico Pleno, coexistindo com a “folha de acácia”, que só nessa época terá feito a sua aparição. Por outras palavras, não deverá ter-se verificado, tanto em Leceia, como no Outeiro Redondo, nenhuma rotura cultural abrupta na transição do Calcolítico Inicial para o Calcolítico Pleno. O que se evidencia é uma evolução contínua, como o declínio das produções caneladas e a adição de um novo tipo de padrão decorativo, a “folha de acácia” e “crucífera”, a formas já anteriormente conhecidas: é o caso, entre outros, dos grandes recipientes esféricos, ditos “vasos de proviões”, já conhecidos no Calcolítico Inicial com decoração canelada, e que depois passam a ostentar padrões em “folha de acácia” e motivos associados.

Situação algo distinta foi a verificada no Zambujal, Torres Vedras, o que se explica talvez porque a escavação se centrou essencialmente na definição das diversas fases construtivas do dispositivo defensivo, tornando a correlação destas com o respectivo conteúdo arqueográfico das camadas a que se encontram associadas, um exercício complexo, especialmente porque necessariamente feito à *posteriori*, muitos anos



depois de concluídas as escavações. Seja como for, a distribuição gráfica das produções em causa pelas cinco fases construtivas principais identificadas, recentemente apresentada¹², permite concluir que, também ali, a máxima presença dos copos (verificada na Fase 2+3) antecedeu a da “folha de acácia” (verificada na Fase 4), consubstanciando igualmente a maior antiguidade daqueles face a esta.

A ideia da substituição, mais do que a da rotura, já apresentada de forma gráfica muito sugestiva para a realidade identificada no Zambujal¹³, foi também a que prevaleceu na interpretação da sequência estratigráfica do povoado fortificado do Penedo de Lexim, Mafra¹⁴, embora a autora continue a seguir, e bem, a terminologia tradicional adoptada para a Estremadura em Calcolítico Inicial e Calcolítico Pleno.

Por fim, é curioso verificar que as colheitas de superfície no Zambujal evidenciaram que a maioria dos fragmentos decorados pertence a copos canelados, precisamente as produções que dominam nas fases mais antigas da fortificação. Esta realidade poderá explicar, no Outeiro Redondo, a elevada antiguidade das datas respeitantes a amostras colhidas a pequenas profundidades, entre os 20 e os 40 cm, que se revelaram idênticas às correspondentes às ocupações mais antigas, tendo, por isso, sido consideradas como *outliers*, como adiante se verá. Uma vez mais, a explicação para tal realidade remete para a história dos processos de erosão e de deposição de materiais, a partir das áreas mais elevadas da estação, actualmente ocupadas por afloramentos rochosos.

Como atrás ficou bem evidenciado, os resultados da distribuição estratigráfica das produções cerâmicas características do Calcolítico Inicial e do Calcolítico

Pleno da Estremadura observada em Leceia podem ser directamente transpostos para a realidade patente no Outeiro Redondo. Ali, ainda mais do que em Leceia, devido ao assinalável declive da área escavada, a distribuição vertical dos materiais foi condicionada pela forte erosão, que conduziu, como acima se referiu, ao transporte e subsequente acumulação de materiais, oriundos das áreas mais altas da estação arqueológica, em locais abrigados e menos declivosos situados mais abaixo, onde se produziu a conseqüente mistura de espólios de várias épocas. Daí que, como já se assinalou em estudo dedicado à publicação dos resultados obtidos em 2005 na primeira campanha de escavações, as conclusões, envolvendo atribuições culturais às camadas estratigráficas identificadas, com base no respectivo conteúdo arqueográfico de cada uma delas, deverão ser encaradas “com valor apenas estatístico” dados os complexos fenómenos tafonómicos aludidos¹⁵.

3.2. Estratigrafia e fases de ocupação

A sucessão estratigráfica identificada mais completa, observada do lado norte do corte aberto pela escavação, correspondendo àquele onde a potência estratigráfica se afigurava sempre mais evidente, pode ser descrita, globalmente, de cima para baixo, do seguinte modo, que não difere significativamente da primeira descrição apresentada¹⁶, à qual se associam os conjuntos artefactuais seguintes (Fig. 5):

Camada 1 – terra vegetal castanho-chocolate, pouco compacta, com elementos pedregosos calcários muito abundantes, devido à contribuição dos derrubes da muralha adjacente (área não escavada), de onde provieram directamente.

Os materiais arqueológicos mais modernos integram-se no Calcolítico Pleno da Estremadura, acompanhados





Alçado do corte LM

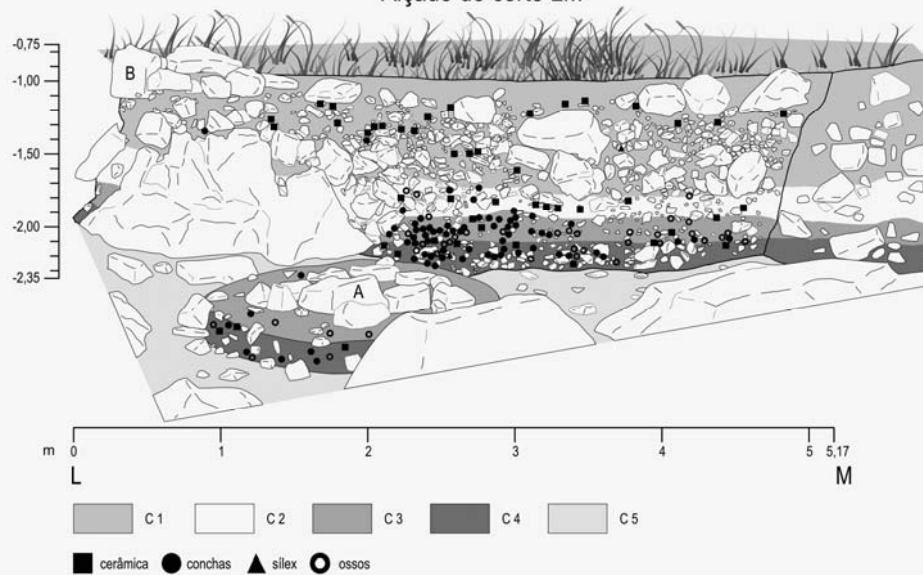


Fig. 5 – Outeiro Redondo. Sequência estratigráfica observada e correspondente interpretação gráfica. Legenda: ver descrição estratigráfica no texto. Foto J. L. Cardoso; corte estratigráfico de B. Ferreira, sob orientação de J. L. Cardoso.



de escassos elementos de cerâmicas mais antigas, o que facilmente se explica por transporte gravítico das peças, oriundas da zona mais alta da estação (acrópole), actualmente ocupada por afloramento rochoso. Esta camada atinge a espessura máxima de 0,20 m e, à superfície ou próximo dela, recolheram-se escassos fragmentos campaniformes do Grupo Internacional.

Camada 2 – camada terrosa mais clara e compacta que a anterior devido a uma maior percentagem de argila, com elementos pedregosos dispersos, mais raros e, em geral, de menores dimensões que os anteriores. Contém materiais cerâmicos que, pela tipologia e decoração, são predominantemente reportáveis ao Calcolítico Pleno da Estremadura na sua parte superior (entre os 0,20 e os 0,40 m de profundidade) e ao Calcolítico Inicial na sua parte inferior (também com 0,20m de potência média, desenvolvendo-se entre os 0,40 e os 0,60 m de profundidade).

Camada 3 – Camada castanho-clara, argilo-margosa, com muitos blocos calcários de pequenas dimensões e inúmeras partículas carbonosas dispersas, com materiais cerâmicos característicos do Calcolítico Inicial da Estremadura. Esta camada, que nem sempre se encontra representada na área escavada, está associada a um piso de ocupação, no qual foi identificada uma estrutura de combustão bem conservada. Possui a potência máxima de 0,60m, desenvolvendo-se em média entre os 0,60 e os 1,20 m de profundidade.

Camada 4 – de coloração castanho-avermelhada, com abundantes blocos de pequeno tamanho, em parte resultantes da desagregação mecânica do substrato rochoso, quase desprovida de espólio arqueológico, directamente assente naquele, de cuja alteração em parte resultou (*terra rossa*). O espólio arqueológico

recolhido nesta camada é igualmente reportável ao Calcolítico Inicial. Corresponde à primeira ocupação humana do outeiro, directamente sobre o substrato geológico, encontrando-se subjacente à muralha identificada do lado ocidental da área escavada, podendo, pois, concluir-se que se trata de uma ocupação anterior à construção da fase mais antiga do dispositivo defensivo.

Camada 5 – corresponde ao embasamento rochoso, muito irregular, aflorante aquando da primeira ocupação arqueológica, constituído por calcários brancos e duros do Jurássico (“Calcários de Azóia”). As anfractuosidades destes calcários encontram-se parcialmente preenchidas por depósito areno-argiloso avermelhado, resultante de processo de lapialização incipiente, ocorrido em época em que tais formações rochosas afloravam.

A descrição apresentada mostra que existe uma primeira parte da sequência estratigráfica com poucos problemas tafonómicos, visto os materiais encontrados serem tipologicamente coerentes e compatíveis com o Calcolítico Inicial. Contudo, a partir de cerca de 0,80 m de profundidade e até à superfície, as misturas avolumam-se, por efeito da crescente influência da topografia, expressa aliás pela morfologia da encosta actual, e a atribuição crono-cultural só pode fazer-se de forma precária. Tendo presente a existência, ainda que minoritária, de produções do Calcolítico Pleno do tipo “folha da acácia” até àquela profundidade e a realidade observada em Leceia, em que as referidas produções só excepcionalmente ocorriam na camada característica do Calcolítico Inicial. Ainda que ali as condições específicas de acumulação/sedimentação do local sejam muito menos propícias a fenómenos de mistura de materiais do que as verificadas no Outeiro Redondo, a





Fig. 6 – Outeiro Redondo. Vista parcial do dispositivo defensivo posto a descoberto do lado oriental do morro, onde o declive é maior, evidenciando-se a técnica construtiva de sucessivos muros adossados longitudinalmente, para, pelo peso, garantirem a estabilidade do terrapleno superior. Foto J. L. Cardoso.

conclusão a extrair é a de que a formação dos depósitos em causa se terá verificado no Calcolítico Pleno. Ver-se-á adiante que tal interpretação foi decisiva para a adequada interpretação dos resultados cronométricos obtidos.

3.3. Estruturas arqueológicas

Descrita a estratigrafia, importa averiguar a sua articulação com a sequência construtiva identificada. Com efeito, como acima se referiu, detectou-se, na zona mais ocidental da escavação, camada subjacente ao embaçamento da muralha ali identificada e parcialmente



escavada. Esta é uma estrutura maciça, constituída por grandes blocos de calcário não afeiçoados, arrancados ao afloramento situado próximo, dispostos ao longo do declive através de vários panos justapostos longitudinalmente (Fig. 6). Deste modo, a estabilidade da estrutura era conferida pelo seu peso próprio, e o seu objectivo, mais do que constituir uma barreira defensiva, era o de proporcionar uma plataforma por onde se pudesse circular. Prova de que a altura da estrutura não se desenvolveria mais do que a actualmente existente, foi o achado, em 2008, sobre a sua superfície actual, de dois grandes recipientes quase completos, ali depositados ritualmente. Numa anfractuosidade da face externa da estrutura, foi encontrado um copo canelado típico, com perfil completo, denotando a sua contemporaneidade da entrada em ruína da parte mais alta da mesma. Deste modo, pode admitir-se que a sua construção data do Calcolítico Inicial. Não foi possível continuar a escavação desta muralha, que inflecte para fora da área escavada, em direcção a Norte/Nordeste.

As restantes estruturas pétreas postas a descoberto, situadas a nascente da muralha descrita (Muralha G) e indicadas na Fig. 4, correspondente à planta geral da área escavada, são todas mais recentes do que aquela muralha, fundando-se invariavelmente em camadas contendo materiais do Calcolítico Pleno; correspondem ao desenvolvimento de uma linha defensiva situada por diante da corporizada por aquela muralha e por um canto da mesma, identificado do lado interno do Bastião C. É o caso da Muralha B, articulada com o Bastião C, bem como dos pequenos muros radiais ou longitudinais situados do lado interno daquela (Muros D, E e F). Exceptua-se uma pequena estrutura de combustão, situada no interior do referido bastião e a uma cota inferior à da fundação daquele, fazendo parte integrante do piso anteriormente referido como relacionado com a Camada 3, atribuída ao Calcolítico Inicial.

Esta estrutura relaciona-se, assim, com a fase pré-fortificação que foi datada através de uma amostra recolhida sob a Muralha G.

Em suma, a área escavada evidenciou estruturas habitacionais do Calcolítico Inicial, associadas directamente à sequência estratigráfica descrita e estruturas defensivas ainda desta fase cultural, mas sobretudo mais modernas, fundando-se em depósitos com materiais do Calcolítico Pleno, integráveis na Camada 2 da sequência atrás descrita.

Esta conclusão tem interesse, pois, ao contrário do verificado em Leceia, no Outeiro Redondo – tal como no povoado recentemente escavado da Moita da Ladra, Vila Franca de Xira, sobre o estuário do Tejo¹⁷ – continuaram-se a erigir importantes edificações defensivas no decurso do Calcolítico Pleno, tendo sido também possível indicar uma cronologia *ante quem* para aquela importante fase construtiva.

4. Cronologia absoluta

Cerca de 20 amostras, da biosfera marinha (conchas de *Patella* sp., *Pecten maximus*, *Ruditapes decussatus* e de *Cerastoderma edule*) e da biosfera terrestre (fauna mamalógica não identificada) foram datadas pelo radiocarbono. Cada amostra de conchas marinhas era constituída por conchas de moluscos da mesma espécie e por valvas inteiras. As datas convencionais obtidas, depois de discutidas¹⁸, conduziram aos seguintes resultados: a soma das distribuições de probabilidade das várias datas calibradas constantes de cada “fase”, permitiram a definição de dois conjuntos principais; o mais antigo, entre 2540-2480 cal BC (1 σ) ou 2610-2460 cal BC (2 σ), correspondente ao Calcolítico Inicial; o mais recente, entre 2340-2180 cal BC (1 σ) ou 2440-2110 cal BC (2 σ) para a ocupação do Calcolítico Pleno.



Estes resultados cronométricos foram comparados, no referido trabalho, com os dos restantes sítios habitados do 3.º milénio a.C. da Estremadura¹⁹, incluindo alguns elementos inéditos de grande relevância, como os obtidos no povoado calcolítico fortificado de Moita da Ladra (Vila Franca de Xira), do qual já se conhece o essencial²⁰. Tais comparações conduziram à validação daquelas conclusões.

Assim, as datas obtidas para a Camada 3 do Outeiro Redondo, correspondentes a materiais recolhidos a profundidades entre 0,60 e 1,20 m, apontam para momentos tardios dentro do Calcólítico inicial, isto é, esta primeira ocupação do sítio deverá ter ocorrido em meados do 3º milénio a.C. (cerca de 2500 anos a.C.), enquanto que o Calcólítico Pleno, a que corresponde a larga maioria dos materiais recolhidos até 0,60 m de profundidade, se terá prolongado, neste sítio arqueológico, até meados do último quartel desse milénio, ou seja, até cerca de 2125 anos a.C.

5. Considerações finais

Os trabalhos arqueológicos de campo realizados no povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra) entre 2005 e 2008, antecedidos pelo estudo sistemático dos espólios recolhidos, nas décadas de 1960 e 1970 pelo Arq. Gustavo Marques, responsável pela identificação da estação, vieram mostrar a sua assinalável importância arqueológica, correspondendo sem dúvida à estação actualmente conhecida do concelho de Sesimbra, mais relevante dado o seu notável potencial arqueológico, comprovadamente nela reconhecido. Com efeito, foi demonstrada a existência de uma importante sucessão estratigráfica, abrangendo um período de cerca de 380 anos, correspondendo a um período entre cerca de 2500 anos a.C. e 2125 anos

a.C., de acordo com os resultados das datações absolutas realizadas pelo método do radiocarbono, actualmente em curso de publicação. A sequência estratigráfica aludida pôde ser, por seu lado, relacionada com o respectivo conteúdo arqueográfico, consistente com a sequência estabelecida em Leceia (Oeiras). Assim, os níveis arqueológicos mais antigos caracterizam-se pela presença, entre as cerâmicas decoradas, das produções caneladas, representadas pelos copos e, sobretudo, pelas taças em calote, representativas do Calcólítico Inicial, enquanto nos níveis mais modernos da sequência ocorrem as produções com as características decorações em “folha de acácia” e “crucífera”, típicas do Calcólítico Pleno da Estremadura.

Importa sublinhar a ausência quase absoluta das cerâmicas campaniformes, apesar de a diacronia da ocupação do sítio abarcar a sua produção, que conheceu na região um dos focos mais importantes do Ocidente peninsular. Isto quer dizer que, ao contrário do que até agora vinha sendo afirmado, a génese e afirmação de tais cerâmicas na região respeitou um processo de características próprias, podendo ter sido adoptado por umas comunidades e não por outras, suas vizinhas, evidenciando grande flexibilidade, quanto aos tempos e modos como foi (ou não) incorporado na cultura material das comunidades que, no decurso da segunda metade do 3.º milénio a.C. habitaram a península de Setúbal.

Por outro lado, foi possível articular a sequência estratigráfica descrita, o respectivo conteúdo arqueográfico e a correspondente cronologia absoluta, com a sequência construtiva identificada. Como se disse, trata-se sobretudo de estruturas defensivas, constituídas por uma muralha que, no sector explorado de maior declive da encosta, observado do lado ocidental do morro, era constituída por sucessivos muros justapostos longitudinalmente, com pequena altura acima do solo, à maneira



dos "gabions" de enrocamento dos muros de suporte modernos. E, na verdade, era essa a sua função, assegurando, pelo peso próprio, a estabilidade dos terra-pletos superiores, onde existiriam estruturas habitacionais. A cronologia da primeira fase construtiva deste dispositivo defensivo, no sector investigado, é forçosamente mais recente que os meados do 3.º milénio a.C., pois essa foi a idade determinada para uma fina camada arqueológica basal subjacente à fundação da muralha, coeva da primeira fase cultural ali definida, integrável no Calcolítico Inicial; a essa fase pertence também a única estrutura de carácter doméstico, correspondente a uma lareira estruturada. Por seu turno, a fase mais moderna do dispositivo defensivo, que corresponde ao sector mais oriental da muralha e a um bastião com ela articulado, à maneira de barbacã, pertence à fase construtiva mais moderna, visto as respectivas fundações assentarem em depósitos do Calcolítico Pleno. A relativa modernidade deste dispositivo defensivo, constituído, como outros existentes na Estremadura, por blocos pétreos de grandes dimensões é uma observação interessante, visto que, até à escavação de Leceia, se julgava que a generalidade destas fortificações teria entrado em declínio a partir do Calcolítico Pleno, tendo atingido o apogeu antes da primeira metade do 3.º milénio a.C. Os resultados obtidos no Outeiro Redondo vêm confirmar as conclusões das escavações do povoado fortificado da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira), ao apontarem para o prosseguimento das construções defensivas monumentais por toda a segunda metade daquele milénio.

Seja como for, os sucessivos ocupantes do morro do Outeiro Redondo, por via das mais-valias obtidas da agricultura, da produção de carne, da pesca, eventualmente da produção de sal, dada a franca e permanente relação mantida com o litoral adjacente, de onde, aliás, retiravam parte do seu sustento, por via da intensa

recolocação de moluscos, encontravam-se em condições de assegurarem, por permuta de tais produtos, o proviñonamento em algumas matérias-primas estratégicas para as actividades do quotidiano. Está neste caso a obtenção de rochas anfíbolíticas, transformadas a partir de lingotes importados do Alto ou do Baixo Alentejo em diversos artefactos de pedra polida; o cobre, igualmente também dali importado já sob a forma de lingotes, transformados localmente em artefactos metálicos como furadores, sovelas, serras (ou foices de fio serrilhado?) e anzóis, e, enfim, a importação de sílex dos afloramentos calcários recifais cretácicos dos arredores de Lisboa, como os existentes na serra de Monsanto, que ao longe se vislumbra. Tais evidências comprovam a presença de sucessivas comunidades sedentárias, estrategicamente implantadas naquele alto proeminente ao longo de várias centenas de anos, com excelentes condições de defesa, mas francamente abertas à interacção económica mantida com diversas regiões, que justifica a presença daquelas matérias-primas. Está-se, pois, perante uma sociedade dinâmica, explorando de forma intensiva os recursos naturais disponíveis, e em franco processo de complexificação social.

NOTAS

¹ CARDOSO, J. L., «Investigação arqueológica na Sociedade de Geografia de Lisboa. A actividade da Secção de Arqueologia (décadas de 1950 a 1990)». *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 123, Lisboa, 2005, p. 129-147.

² MARQUES, M. G., «Castro eneolítico de Sesimbra – notícia do seu achado», *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*. Sesimbra, 1967, 1 - p. 10-16; 2 - p. 17-21.

³ CARDOSO, J. L., «A ocupação dos territórios e a exploração dos recursos na península de Setúbal, do Paleolítico ao Bronze Final», *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal* (Tavares, M. J. F.; Tavares, A. A. & Cardoso, J. L., eds.), Universidade Aberta, Lisboa, 2001, p. 36.

⁴ CARDOSO, J. L., «Espólios do povoado calcolítico fortificado de Outeiro Redondo (Sesimbra): as colheitas do Arq. Gustavo Marques», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 12 (1), Lisboa, 2009, p. 73-114.

⁵ *Idem*.



- ⁶ CARDOSO, J. L., «As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 14, Oeiras, 2007, p. 9-276.
- ⁷ CARDOSO, J. L., «As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 14, Oeiras, 2007, p. 25.
- ⁸ CARDOSO, J. L., «As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 14, Oeiras, 2007, p. 9-276.
- ⁹ AMARO, G. de Carvalho, *La cerámica con decoración acanalada y bruñida en el contexto pré-campaniforme del Calcolítico de la Extremadura portuguesa*. Tese de doutoramento, Universidad Autónoma de Madrid (Departamento de Prehistoria y Arqueología), Madrid, 2010.
- ¹⁰ CARDOSO, J. L., «As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 14, Oeiras, 2007, p. 25.
- ¹¹ FERREIRA, O. da Veiga e SILVA, C. Tavares, «A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar», Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969), Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 2, 1970, Fig. 2.
- ¹² AMARO, G. de Carvalho, *La cerámica con decoración acanalada y bruñida en el contexto pré-campaniforme del Calcolítico de la Extremadura portuguesa*. Tese de doutoramento, Universidad Autónoma de Madrid (Departamento de Prehistoria y Arqueología), Madrid, 2010, Fig. 11.
- ¹³ KUNST, M., «As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Extremadura portuguesa», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, Oeiras, 1996, Fig. 6.
- ¹⁴ SOUSA, A. C., «Penedos e muralhas. A leitura possível das fortificações do Penedo do Lexim», In GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C. (eds.), *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*, Actas, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2010, p. 19-41.
- ¹⁵ CARDOSO, J. L., «O povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). Resultados das escavações efectuadas em 2005», In GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C. (eds.), *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*, Actas, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2010, p. 103-104.
- ¹⁷ CARDOSO, J. L. e CANINAS, J. C., «Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado», In GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C. (eds.), *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*, Actas, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2010, p. 65-95.
- ¹⁸ CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. Monge e MARTINS, J. M. M. , «Fases de ocupação e cronologia absoluta da fortificação calcolítica do Outeiro Redondo (Sesimbra)», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 18, Oeiras, 2010/11 (no prelo).
- ¹⁹ CARDOSO, J. L. e SOARES, A. M. Monge (1996) – Contribution d'une série de datations C14, provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du Néolithique et du Calcolithique de l'Estremadura Portugaise. *Actes du Colloque de Périgueux* (1995). *Supplément à la Revue d'Archéométrie*. Rennes, p. 45-50; SOUSA, A. C., «Penedos e muralhas. A leitura possível das fortificações do Penedo do Lexim», In GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C. (eds.), *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*, Actas, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2010, p. 19-41; GONÇALVES, V. S. e SOUSA, A. C., «Algumas breves reflexões a propósito de quatro datas ¹⁴C para o Castro da Rotura, no contexto do 3º milénio a.n.e. nas Penínsulas de Lisboa e Setúbal», *O Arqueólogo Português*, Série IV, 24, Lisboa, 2006, 233-266; KUNST, M., «As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Extremadura portuguesa», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, Oeiras, 1996, p. 257-287.
- ²⁰ CARDOSO, J. L. e CANINAS, J. C., «Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado», In GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C. (eds.), *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*, Actas, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2010, p. 65-95.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARO, G. de Carvalho, *La cerámica con decoración acanalada y bruñida en el contexto pré-campaniforme del Calcolítico de la Extremadura portuguesa*. Tese de doutoramento, Universidad Autónoma de Madrid (Departamento de Prehistoria y Arqueología), Madrid, 2010.
- CARDOSO, J. L., «A ocupação dos territórios e a exploração dos recursos na península de Setúbal, do Paleolítico ao Bronze Final», *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal* (Tavares, M. J. F.; Tavares, A. A. & Cardoso, J. L., eds.), Lisboa: Universidade Aberta, Lisboa, 2001, p. 19-47 (Discursos Língua, Cultura e Sociedade, Número Especial).
- «Investigação arqueológica na Sociedade de Geografia de Lisboa. A actividade da Secção de Arqueologia (décadas de 1950 a 1990)». *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 123, Lisboa, 2005, p. 129-147.
- «As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 14, Oeiras, 2007, p. 9-276.
- «Espólios do povoado calcolítico fortificado de Outeiro Redondo (Sesimbra): as colheitas do Arq. Gustavo Marques», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 12 (1), Lisboa, 2009, p. 73-114.
- «O povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). Resultados das escavações efectuadas em 2005», In V. S. GONÇALVES e A. C. SOUSA (eds.), *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e. (Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 4-7 Outubro 2005))*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2010, 97-129.



- CARDOSO, J. L. e CANINAS, J. C., «Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado», In GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C. (eds.), *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*, Actas, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2010, p. 65-95.
- CARDOSO, J. L. e SOARES, A. M. Monge (1996) – Contribution d'une série de datations C14, provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du Néolithique et du Calcolithique de l'Estemadura Portugaise. *Actes du Colloque de Périgueux* (1995). *Supplément à la Revue d'Archéométrie*. Rennes, p. 45-50.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. Monge e MARTINS, J. M. M. , «Fases de ocupação e cronologia absoluta da fortificação calcolítica do Outeiro Redondo (Sesimbra)», *Estudos Arqueológicos de Oeira*, 18, Oeiras, 2010/11 (no prelo).
- FERREIRA, O. da Veiga e SILVA, C. Tavares, «A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal). Nota preliminar», Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969), Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 2, 1970, p. 203-225.
- GONÇALVES, V. S. e SOUSA, A. C., «Algumas breves reflexões a propósito de quatro datas ¹⁴C para o Castro da Rotura, no contexto do 3º milénio a.n.e. nas Penínsulas de Lisboa e Setúbal», *O Arqueólogo Português*, Série IV, 24, Lisboa, 2006, 233-266.
- KUNST, M., «As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura portuguesa», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, Oeiras, 1996, p. 257-287.
- MARQUES, M. G., «Castro eneolítico de Sesimbra – notícia do seu achado», *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*. Sesimbra, 1967, 1 - p. 10-16; 2 - p. 17-21.
- SOUSA, A. C., «Penedos e muralhas. A leitura possível das fortificações do Penedo do Lexim», In GONÇALVES, V. S. & SOUSA, A. C. (eds.), *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*, Actas, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2010, p. 19-41.

